



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA  
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

**RENATA CRISTINE SANTOS RIBEIRO MACÊDO**

**A PERCEÇÃO DO PROFESSORADO DO SEMIÁRIDO  
SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA  
PARA A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA**

SUMÉ – PB

2011

M134p

Macêdo, Renata Cristine Santos Ribeiro.

A Percepção do Professorado do Semiárido sobre a Contribuição da Formação Continuada para a Educação Contextualizada / Renata Cristine Santos Ribeiro Macêdo - Sumé, 2011.

43 f; il.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro.

Orientadora: Maria da Conceição Miranda Campelo.

1. Formação Continuada. 2. Educação Contextualizada. 3. Semiárido.  
I. Título.

UFCG/BS

CDU: 37(043.3)

**RENATA CRISTINE SANTOS RIBEIRO MACÊDO**

**A PERCEÇÃO DO PROFESSORADO DO SEMIÁRIDO  
SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA  
PARA A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA**

Trabalho Monográfico apresentado à  
Coordenação do Curso de Especialização em  
Educação Contextualizada para Convivência  
com o Semiárido Brasileiro, da UFCG -  
CDSA, como requisito para a obtenção do  
título de Especialista.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Ms. Maria da Conceição Miranda Campêlo.

SUMÉ – PB

2011

RENATA CRISTINE SANTOS RIBEIRO MACÊDO

**A PERCEPÇÃO DO PROFESSORADO DO SEMIÁRIDO  
SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA  
PARA A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA**

Trabalho Monográfico apresentado à  
Coordenação do Curso de Especialização em  
Educação Contextualizada para Convivência  
com o Semiárido Brasileiro, da UFCG -  
CDSA, como requisito para a obtenção do  
título de Especialista.

Aprovado em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2011

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Maria da Conceição Miranda Campêlo  
UAEDUC/CDSA/UFCG – **Orientador**

---

Prof<sup>ª</sup> Ms. Quézia Vila Flor Furtado  
UAEDUC/CDSA/UFCG – **Examinadora Interna**

---

Prof. Dr. Harley da Silva Alves  
UATEC/CDSA/UFCG – **Examinador Externo**

*À minha família. À minha querida orientadora. E à minha turma.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter-me concedido força, saúde e coragem para alcançar esta vitória.

À Professora Maria da Conceição Miranda Campêlo, minha orientadora, pela competência, dedicação, carinho, incentivo e compreensão.

A todos os professores que contribuíram para o meu progresso nesta caminhada: José de Souza, Jonas, Alberício, Idelsuíte, Fabiano, Socorro Silva, Adelaide, Rovilson, Rosimar, Irelânio e Sílvio Rossi.

Aos professores que contribuíram para a realização deste trabalho respondendo aos questionários.

À Aldinéa Alves, nossa colega de turma, pelo apoio.

Enfim, a todas aquelas pessoas que, de forma direta ou indireta, forneceram-me subsídios para que eu pudesse chegar até aqui.

*Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.*

(Paulo Freire, 1977)

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a educação contextualizada. Utilizamos como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionário junto a professores de uma Escola de Ensino Fundamental do Município de Sumé - PB, com a intenção de saber qual a importância que a formação continuada tem na vida desses profissionais do magistério, bem como, suas concepções sobre formação continuada e educação contextualizada. Para tanto, tivemos por embasamento teórico as propostas dos estudiosos, entre eles, Freire (1996), Hengemühle (2008), Martins (2006), Morin (2000). Chegamos à conclusão que os professores participantes da pesquisa – de abordagem qualitativa - apesar de já terem ouvido falar em Educação Contextualizada, não conseguem relacionar a formação continuada a uma proposta de educação contextualizada, pois em sua maioria, como constatamos, os cursos de formação continuada oferecidos para professores da referida região não contemplam tal abordagem em seus conteúdos e propostas formativas para aperfeiçoamento docente.

**Palavras-Chave:** Formação Continuada. Educação Contextualizada. Semiárido.



## ABSTRACT

In this paper we analyze the perception of the Semi-Arid teachers on the contribution of continuing education for the education context. Used as instrument of data collection the application of questionnaire to teachers of an elementary School from Sume city - PB, with the intention of knowing how important continuing education of these professionals have in the life of teaching, as well as his point of views on education and continuing education context. To this end, we had the theoretical framework proposed by scholars, Freire (1996), Hengemühle (2008), Martins (2006), Morin (2000). We have found that teachers participating in the survey in spite of having heard of Contextual Education, can not relate to the implementation of continuing education an educational proposal in context, mostly because as we found, the continuing education courses offered for teachers in that region do not consider this approach in their training content and proposals for improving teaching.

**Keywords:** Continuing Education. Education Contextualized. Semiarid.

## **LISTA DE SIGLAS**

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>PROJOVEM</b>  | Programa Nacional de Inclusão de Jovens   |
| <b>UEPB</b>      | Universidade Estadual da Paraíba  |
| <b>UFCG</b>      | Universidade Federal de Campina Grande  |
| <b>INSA</b>      | Instituto Nacional do Semiárido   |
| <b>CDSA/UFCG</b> | Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade<br>Federal de Campina Grande |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS</b>  | 11 |
| 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS  | 13 |
| <b>2 FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES PARA A<br/>IMPLEMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA</b> | 16 |
| 2.1 CONCEITO DE FORMAÇÃO CONTINUADA  | 18 |
| 2.2 A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E A SUA RELAÇÃO COM A<br>FORMAÇÃO CONTINUADA                          | 20 |
| <b>3 REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA</b>   | 22 |
| 3.1 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E<br>CONTINUADO DO PROFESSOR A              | 22 |
| 3.2 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E<br>CONTINUADO DO PROFESSOR B              | 27 |
| 3.3 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E<br>CONTINUADO DO PROFESSOR C              | 30 |
| <b>4 (IN) CONCLUSÃO</b>  | 34 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | 37 |
| <b>APÊNDICES</b>   | 39 |

## 1 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

O presente trabalho intitulado “A Percepção do Professorado do Semiárido Sobre a Contribuição da Formação Continuada para a Educação Contextualizada”, é resultado da conclusão do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro e foi realizado com professores de uma escola pública, localizada no Município de Sumé – PB.

O trabalho foi estruturado em três capítulos: no primeiro apresentamos as perspectivas metodológicas, em que descrevemos os procedimentos adotados no decorrer da nossa investigação. No segundo capítulo, apresentamos um referencial teórico que aborda desde a história da formação continuada de professores até as suas contribuições para que se tenha uma prática pedagógica pautada na perspectiva de uma educação contextualizada. No terceiro e último capítulo, fazemos a análise dos dados obtidos através da nossa pesquisa, a qual buscou analisar e identificar a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a educação contextualizada.

Ser professor/educador sempre foi uma tarefa desafiadora que requer o desenvolvimento de habilidades específicas em torno do ato de ensinar para lograr êxito. Entende-se que as habilidades que abarcam o ato de ensinar deveriam ser “promovidas” pela formação inicial, porém esta ainda deixa lacunas, não capacitando adequadamente, os profissionais da educação. Aqueles que percebem essa “deficiência” tentam compensá-la dando continuidade a sua formação, através de cursos de curta ou longa duração.

No entanto, existem aqueles que percebem, mas por algum motivo, talvez até por falta de interesse mesmo, não procuram sanar o problema. Em detrimento disso, temos professores e alunos saturados, desestimulados, sendo estes últimos, vítimas de um sistema de ensino defasado, completamente descontextualizado que, na maioria das vezes, desconsidera os saberes que eles já levam consigo para a escola.

Na região do Semiárido nordestino surge “uma nova perspectiva para enxergar e compreender as questões que perpassam o Semiárido”, representada pelo novo paradigma de educação – Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro – que se constitui em uma proposta de desmistificação e valorização da região, através do processo educativo, envolvendo toda a comunidade escolar e, conseqüentemente, a comunidade em geral, pois a visão que se tem do Semiárido é uma visão estigmatizada não só pelos moradores de outras regiões do Brasil, mas, principalmente, pelos próprios habitantes da referida região.

Contudo, nós, que tivemos a oportunidade de fazer o Curso de Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande, no Campus de Sumé/PB, teremos a oportunidade de promover um processo de sensibilização de nossos estudantes, levando-os a serem pessoas mais reflexivas, capazes de intervir no meio em que vivem.

A presente pesquisa foi, portanto, realizada no cenário do Cariri paraibano (região do Semiárido) com professores de uma Escola de Ensino Fundamental, situada no Município de Sumé – PB, utilizando um questionário como ferramenta para a coleta de dados.

Destacamos que o foco de nosso estudo foi a formação continuada e sua contribuição para uma educação contextualizada, pois se faz de fundamental importância o investimento no aperfeiçoamento do docente que precisa estar atento às novas teorias da educação a fim de transpô-las didaticamente e, cada vez mais, inovar a sua prática em sala de aula instigando, assim, o prazer de aprender dos estudantes, de forma contextualizada levando em consideração os saberes que eles já trazem consigo.

Por esse motivo, a presente pesquisa pode ser justificada, uma vez que, acreditamos que essa temática é bastante relevante, do ponto de vista, tanto acadêmico como social. Além disso, temos um interesse especial nessa pesquisa, enquanto estudante do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro e Coordenadora Pedagógica de uma Escola de Ensino Fundamental.

Sabemos como a formação inicial deixa lacunas e “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 53), e, se faz necessário preparar bons profissionais docentes para que possam despertar em seus alunos o prazer de aprender.

Nesse sentido, se faz necessário que o professor tenha a iniciativa de dar continuidade a sua formação, pois conforme coloca o autor acima mencionado, devemos sempre pensar-nos como seres inacabados.

No Semiárido Brasileiro a situação não é diferente – além de uma formação inicial defasada – a maioria dos professores é desestimulada, leciona disciplinas para as quais, não está habilitada, promovendo assim, uma aprendizagem descontextualizada. Nesse contexto, tem-se o seguinte questionamento: Qual a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a educação contextualizada, mais especificamente, dos professores que lecionam na Escola de Ensino Fundamental Margarida Alves, localizada no Município de Sumé – PB?

Com base nas reflexões apresentadas até aqui, surgiu o interesse de realizar esta pesquisa que teve como objetivo geral identificar e analisar a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a educação contextualizada, e como objetivos específicos:

- a) Identificar programas e projetos de formação continuada implementados no Município de Sumé – PB;
- b) Verificar as contribuições da formação continuada para a melhoria da prática pedagógica e para a implementação de uma educação contextualizada.

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, desenvolvemos este estudo a partir de leituras envolvendo a Formação de professores e a sua relação com a Educação Contextualizada, mediante os estudos de Hengemühle (2008), Martins (2006), Saviani (2006), Pardal e Martins (2005) e Lima (2007).

Quanto à metodologia utilizada, seguindo a classificação proposta por Moreira e Caleffe (2008, p. 73) trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois “explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos numericamente”. Nesse sentido, percebe-se que fazer pesquisa qualitativa é um processo de descrição em que cada detalhe é extremamente valioso.

Nossa pesquisa também pode ser caracterizada como bibliográfica:

Bibliográfica, pois para fundamentação teórica do trabalho foi realizada investigação sobre os assuntos pertinentes ao tema e aos objetivos da pesquisa. [...] (SOUSA FILHO; ABREU; WANDERLEY, 2011, p. 8).

Os sujeitos participantes da pesquisa foram três (03) professores, os quais lecionam na Escola de Ensino Fundamental Margarida Alves, no Município de Sumé – PB. Tais professores foram selecionados em virtude de lecionarem do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental, as disciplinas Língua Portuguesa, Práticas Agrícolas e Zootécnicas, Comerciais e Industriais, os quais foram aqui identificados como professores A, B e C.

Para a realização da pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados, o questionário buscando observar a percepção dos referidos professores quanto à importância da formação continuada, pois

[...] o questionário é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações. É uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade (BARBOSA, 1998, p. 2).

Desta forma, as questões colocadas no questionário, respondidas pelos professores, trataram das seguintes variáveis: concepção de formação continuada e educação contextualizada, contribuições da formação continuada para a área de formação e prática pedagógica, porém, inicialmente, abordamos questões de identificação do perfil dos professores como: formação em nível superior, tempo de magistério, área de atuação na escola.

Ao aplicarmos os questionários, sentimos dificuldade, pois alguns professores apresentaram resistência para colaborar com a pesquisa e, outros, apresentaram dificuldade para responder às questões.

Os questionários foram aplicados no mês de junho de 2010 e só no mês de setembro do mesmo ano realizamos a transcrição, tabulação, categorização e a análise dos dados. O conteúdo das falas foi submetido a procedimentos de classificação e ordenação dos dados, conforme Bardin (1977) e de categorização dos dados, com base em Minayo (1999).

No que se refere à análise dos dados, nos pautamos na análise de conteúdo que

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob formas de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações (SEVERINO, 2007, p. 121).

Como vimos, Severino (2007) apresenta a análise de conteúdo enquanto metodologia de tratamento de dados, especificamente pautando a análise das comunicações, as quais são expressas através das diversas formas de linguagens e neste caso, a análise de conteúdo foi a metodologia utilizada para que pudéssemos tratar as mensagens contidas no questionário aplicado aos professores da Escola de Ensino Fundamental Margarida Alves<sup>1</sup>, do município de Sumé/PB.

No decorrer do processo investigativo, utilizamos fontes diferenciadas de pesquisa de material bibliográfico. Dentre elas, a leitura e fichamentos de livros, artigos sobre formação continuada e educação contextualizada.

---

<sup>1</sup> Para fazer referência à escola, utilizamos aqui um nome fictício a fim de preservar sua identidade.

Segundo Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo – utilizada em nossa pesquisa para sistematização dos dados - pode ser entendida como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, “[...], indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens". Do ponto de vista analítico instrumental, este conceito foi fundamental para a compreensão dos dados fornecidos nos questionários e para a extração de indicadores.



## 2 FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Para compreendermos a formação e a realidade dos professores hoje, faz-se necessário que possamos compreender o processo histórico de formação e constituição destes.

A esse respeito, Hengemühle (2008, p. 65) afirma que:

Na história, poderíamos afirmar, em termos genéricos, dois grupos sempre mantiveram o poder: os que dominam a economia, estreitamente conectada à política e os que detêm o conhecimento (aqui compreendido como o conhecimento científico). A história dos professores se confunde com esses segmentos, não tanto como artífices deles, porém mais como atuando a seu serviço.

Para o referido autor, os professores, em grande parte da sua história, ajudaram de forma explícita ou implícita, a manter o poder econômico e político, como também contribuíram para difundir o conhecimento científico em nome dos teóricos.

Além disso, em momentos de crise, foram solicitados a formar os alunos nos valores morais, quando a sociedade já não era mais capaz de fazê-lo; já no início da história, muitas vezes, os professores eram aqueles que preenchiam o tempo dos iniciantes (crianças e jovens), na maioria das vezes, porque os responsáveis não tinham condições de fazê-lo.

Conforme podemos perceber, muitos aspectos do ofício de professor prevalecem no contexto atual. A realidade do professor, hoje, está intimamente ligada às situações históricas de organização social e do pensamento científico.

Hengemühle (2008, p. 67-78), traça um rápido esboço do papel e formação do professor, na história, com o objetivo de arrolar aspectos da linha do tempo histórico para melhor compreensão das concepções, formação e práticas da atualidade. Vejamos, a seguir, um resumo dessa disjunção dos momentos históricos das concepções e formação de professores:

- a) EDUCAÇÃO PRIMITIVA – o surgimento da função do professor se deve ao fato de haver necessidade de complementação e de ajuda na formação das crianças para as famílias, buscando uma melhor inserção social;
- b) EDUCAÇÃO CLÁSSICA: GREGOS – no período helenístico da educação grega, o professor tinha pouca importância e a sociedade fazia pouco caso dele.

A sua formação era limitada, assim como o seu ganho financeiro. Era exigido dele um bom caráter, moral e honorabilidade;

- c) EDUCAÇÃO ROMANA – também aqui, a integridade moral aparece como primeira condição para o exercício do magistério. Verifica-se certa oficialização do ensino, com o Estado influenciando em seus objetivos e conteúdos, na designação dos mestres e colocando a educação a serviço de seus interesses. As cidades importantes mantinham escolas oficiais e contratavam e pagavam professores;
- d) IDADE MÉDIA E INÍCIO DA RENASCENÇA – aparece clara, pelo menos, a preocupação não apenas com a inteireza moral, mas também com o domínio dos conteúdos a ensinar e o preparo técnico para fazê-lo;
- e) SÉCULO XVI – a Ordem dos Jesuítas introduziu a prática de formação dos professores, através de estágios;
- f) SÉCULO XVII – La Salle deu significativo impulso à formação de professor de nível primário e que fez abrir escola de preparo de mestres. Ele inclui no currículo de formação dos professores conteúdos teóricos, treinamento prático e formação religiosa;
- g) SÉCULO XVIII – destacam-se o educador pietista Francke – que conseguiu novos avanços quanto ao preparo de mestres, também as Universidades de Göttingen – considerado um quase colégio de formação que fornecia a toda a Alemanha do Norte os mestres mais qualificados, e de Königsberg – na qual, todos os professores deviam submeter-se a um ciclo rotativo de lições sobre pedagogia, Pestalozzi e a Revolução Francesa (que criou a École Normale).

No Brasil, no século XIX, são instituídos os sistemas nacionais de ensino, e a formação docente emerge como um problema.

De acordo com Saviani, (2006, p. 1-2):

Nesse contexto configuram-se dois modelos de formação de professores: a) modelo dos conteúdos culturais-cognitivos – no qual, a formação dos professores se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que o professor irá lecionar; b) modelo pedagógico-didático – o qual, contrapondo-se ao anterior, este modelo considera que a formação propriamente dita dos professores só se completa com o efetivo preparo pedagógico-didático.

Se observarmos, iremos constatar que, infelizmente, nos dias atuais, o modelo dos conteúdos culturais-cognitivos ainda é o que prevalece. Por isso que os professores saem das universidades com várias lacunas e, isto se reflete em sua prática profissional, junto aos estudantes.

Sendo assim, defendemos neste trabalho o segundo modelo que é o pedagógico-didático, pois ele estabelece a estreita relação teoria-prática, de forma a preparar o docente para o efetivo gerenciamento da sala de aula, dos conteúdos, entre outras tantas atividades que envolvem o cotidiano de seu fazer profissional.

Objetivando detectar a ausência e/ou presença da questão pedagógica na formação docente e as transformações ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX, Saviani (2006, p. 3), identificou os seguintes períodos:

- a) Ensaios intermitentes de formação de professores (1827 – 1890) – que se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias custas, e se estende até 1890, quando prevalece o modelo das escolas normais;
- b) Estabelecimento e expansão do padrão das escolas normais (1890 – 1932) – cujo marco inicial é a reforma paulista da escola normal, tendo como anexo a escola-modelo;
- c) Organização dos Institutos de Educação (1932-1939) – cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, em 1932 e de Fernando de Azevedo, em São Paulo, em 1933;
- d) Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das escolas normais (1939-1971);
- e) Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996);
- f) Advento dos Institutos Superiores de Educação e das Escolas Normais Superiores (1996-2006).

Percebemos, através deste sucinto recorrido histórico, que se revela permanente a precariedade das políticas formativas, cujas sucessivas mudanças não foram suficientes para estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação, principalmente em nosso país (Brasil).

## 2.1 CONCEITO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

O desejo de cada vez mais, aprofundar seus conhecimentos, deve existir em todo profissional, seja qual for a sua área de atuação. Para o profissional da educação, esse desejo

deve ser ainda mais latente, uma vez que, se este não estiver entrosado com as novas teorias educacionais da pós-modernidade, sua prática será desestimulante.

Sendo assim, Hengemühle (2008, p. 86), acredita que:

[...] considerando como referenciais os paradigmas da ciência e da educação na Pós-modernidade, bem como o profundo respeito da educação com a natureza (desejos e necessidades) do ser humano, é necessário repensar as práticas pedagógicas e a formação recebida pelos professores nos cursos universitários. Não basta falar das teorias, é preciso exercitá-las na prática no Ensino Superior.

Segundo o autor supracitado, o professor da Pós-modernidade precisa:

Ter formação global; ser fisioterapeuta mental; ser estimulador das inteligências; ser animador da aprendizagem; ressignificar os conteúdos para que provoque o desejo de aprender dos alunos; usar os conhecimentos históricos como ferramentas para que os alunos compreendam situações significativas da sua vida e consigam resolver os problemas da sua época; buscar a coerência entre o que diz e acredita e o que faz (HENGEMÜHLE, 2008, p. 86-87).

Diante disso, entendemos que o professor da Pós-modernidade, necessita de formação continuada a fim de possibilitar “aos alunos exercitar-se para conviver em contexto da Pós-modernidade” (HENGEMÜHLE, 2008, p. 87).

Pardal e Martins (2005, p. 38) concebem a formação continuada como “um ato permanente, dinamizador da experiência profissional e da reflexão sobre a mesma [...]”.

Concordamos com os autores acima mencionados, pois acreditamos que a formação continuada pode transformar a dinâmica da sala de aula e levar o professor a refletir sobre a sua prática.

Já para Silva (2009, p. 1) a formação continuada:

[...] expressa a amplitude necessária do conceito de construção desse profissional. Essa formação não abrange apenas o professor, mas também inclui os outros profissionais da educação, como os diretores, os orientadores educacionais, os supervisores pedagógicos e os administradores escolares.

De acordo com a autora, a formação continuada tem, como principal objetivo, propor novas metodologias, colocando os profissionais a par das discussões teóricas atuais, contribuindo, dessa forma, para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria pedagógica na escola e, conseqüentemente, da educação.

Assim, a formação continuada é o espaço privilegiado de produção de novos conhecimentos, que possibilita a troca de diferentes saberes, ao passo que faz com que os docentes repensem e refaçam a sua prática pedagógica e construam em seu fazer as competências necessárias para a atuação enquanto professor e educador.

## 2.2 A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E A SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO CONTINUADA

Estudos apontam que a prática docente pautada na perspectiva da educação contextualizada pode tornar-se mais atrativa para os estudantes, já que, há uma ressignificação dos conteúdos por meio de métodos que possibilitem a relação desses conteúdos com a realidade vivenciada pelos educandos, em seu cotidiano. Morin (2000), por exemplo, conceituado educador francês, afirma ser essa contextualização do conhecimento, um dos saberes necessários à educação do futuro.

Conforme aponta Hengemühle (2008, p. 84):

Como já se viu, os alunos vêm para as escolas trazem consigo as vivências de um contexto complexo, em transformação. Os que saem das escolas, das nossas universidades, necessitam ter habilidades e competências para responder aos desafios pessoais e profissionais nesse contexto. Diante disso, muda o ofício do professor.

Portanto, os saberes que os alunos trazem consigo não podem ser “desprezados”, ao contrário, precisam ser ressignificados, até mesmo porque, eles não são como um papel em branco esperando para ser usado e, a partir daquele momento, começar a escrita da história da sua vida.

Na região do Semiárido nordestino, surge um novo paradigma de educação, que é a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro – uma proposta de desmistificação e valorização da referida região. Com relação a esse novo paradigma de educação, Martins (2006, p. 61) diz:

A ‘educação para convivência com o semi-árido’ passa pela escolarização de temas locais tomados em suas amplitudes, implicando não em tratar estes temas como temas prontos, nem de recorrer ao ‘saber popular’ e parar por aí mesmo. Trata-se de agregar novos saberes a estes temas. Como se estivéssemos agregando valor a um produto, o valor a ser agregado aos temas locais é o novo saber [...].

Entretanto, como ressalta Silva (2010, p. 14), sobre a educação contextualizada:

O professor tem de fazer, necessariamente, todo um planejamento, pesquisando, fazendo recortes, definindo estratégias para o estudo do objeto em pauta com a contribuição dos vários campos de conhecimento, promovendo assim, a interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, escolher a melhor forma de torná-los possíveis de serem apreendidos pelos estudantes na série ou nível em que se encontram, fazendo a transposição didática.

Dessa forma, fica nítida a importância da formação continuada para os docentes, uma vez que, para contextualizar o currículo – tarefa complexa – eles precisam de qualificação permanente. Nesse sentido, Lima (2007, p. 20) afirma que:

[...] precisamos construir novas ações formativas que despertem nesses profissionais uma sensibilidade pedagógica capaz de reconhecer as potencialidades do semi-árido e possibilitem a construção de uma educação que seja tecida com os fios da cultura local, construindo uma grande rede de saberes que valorize as pessoas do semi-árido e torne-as protagonistas do seu processo de emancipação.

Assim, com os professores recebendo formação contínua, na perspectiva da Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido, teremos grande possibilidade de ver em nossa região, estudantes mais reflexivos e capazes de intervirem no meio em que vivem, buscando e ensinando alternativas de melhor convivência com as adversidades.

### 3 REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

A nossa intenção, ao aplicarmos os questionários, foi observar a percepção dos professores quanto à importância da formação continuada, bem como, a contribuição desta para a educação contextualizada, já que o professor pós-moderno tem, praticamente, a obrigação de dar continuidade a sua formação a fim de possibilitar “aos alunos exercitar-se para conviver em contexto da Pós-modernidade” (HENGEMÜHLE, 2008, p. 87).

Dos sete (07) professores que selecionamos para fazer parte da pesquisa, apenas três (03) se dispuseram a responder o questionário. Para tanto, apresentaremos a seguir, os dados coletados através do questionário com suas respectivas análises, denominando cada professor por letras do alfabeto (A, B, C), com vistas a preservar sua identidade.

#### 3.1 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E CONTINUADO DO PROFESSOR A

De acordo com o questionário, o professor A é graduado em Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa, leciona há menos de cinco (05) anos e afirma que trabalha na sua área de formação, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Margarida Alves, porém, justifica “Trabalho como professor de Língua Portuguesa, mas já fui convidado para lecionar outras disciplinas.”

Na justificativa do professor A, percebemos um dos graves problemas que se constitui como um entrave para o sucesso dos alunos – lecionar disciplinas adversas a sua formação – o que, infelizmente, hoje, ainda acontece, porém, não mais na vida profissional do referido professor.

Segundo o professor A, ele faz entre onze (11) e quinze (15) cursos de formação continuada por ano, o que denota bastante interesse e preocupação com a sua carreira e nos remete à Hengemühle (2008, p. 86), quando diz:

[...] considerando como referenciais os paradigmas da ciência e da educação na Pós-modernidade, bem como o profundo respeito da educação com a natureza (desejos e necessidades) do ser humano, é necessário repensar as práticas pedagógicas e a formação recebida pelos professores nos cursos universitários. Não basta falar das teorias, é preciso exercitá-las na prática no Ensino Superior.

Como nos cursos de graduação, especificamente nas licenciaturas não se consegue geralmente dar conta de estabelecer a relação teoria-prática no percurso formativo dos professores, resta a preocupação no investimento em formação continuada, promovida por instituições vinculadas (secretarias de educação e/ou outras) às escolas ou então pela via da pós-graduação em cursos de especialização, mestrado ou doutorado, ficando a cargo do profissional, o ingresso num destes três (03) cursos.

Com relação às instituições que promovem esses cursos, o professor A respondeu “Prefeitura Municipal – Secretaria de Educação – Sumé – PB; Governo Estadual da Paraíba e Programa Projovem Urbano”.

Ao ser indagado se em algum curso foi feita a abordagem sobre educação contextualizada, ele disse:

No curso de formação inicial para trabalhar no Programa (Projovem Urbano), que tem como proposta curricular aulas contextualizadas.

Conforme podemos observar, nessa fala, em apenas um curso de formação continuada – de nível estadual, vale ressaltar - feito pelo professor A, ele ouviu falar em educação contextualizada, mas, se faz necessário observar que educação contextualizada e aulas contextualizadas podem muito bem não caracterizar o mesmo significado, pois a contextualização defendida por Martins (2006) trata da relação que se estabelece entre as realidades local e global, pois homens e mulheres se movem em diversos tempos e lugares.

Sendo assim, nos questionamos, como será que foi definida essa educação contextualizada? Fazemos essa interrogação, aqui, no nosso trabalho, em virtude de uma inquietação que sentimos a esse respeito, já que, infelizmente, o conceito de educação contextualizada ainda não é muito claro para alguns profissionais da educação que, acabam confundindo essa contextualização e, dessa forma, não ressignificam os saberes trazidos pelos alunos para a escola, pois conforme aponta Hengemühle (2008, p. 84):

Como já se viu, os alunos vêm para as escolas trazem consigo as vivências de um contexto complexo, em transformação. Os que saem das escolas, das nossas universidades, necessitam ter habilidades e competências para responder aos desafios pessoais e profissionais nesse contexto. Diante disso, muda o ofício do professor.



Portanto, a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro é um novo modelo de educação que surge na região semiárida do nordeste que tem como proposta desmistificar e valorizar a referida região.

Desta forma, contextualizar é um processo dinâmico e complexo, simultaneamente, que requer certas habilidades dos profissionais envolvidos para concebê-la. Por isso, dar continuidade a sua formação é imprescindível, uma vez que, todo profissional precisa estar atento às transformações do seu ofício, principalmente, o professor.

O professor A respondeu que trabalha na escola de ensino fundamental entre um (01) e cinco (05) anos. Quando questionado sobre quais os programas e projetos de formação continuada implementados pelo Município de Sumé e de quais participou, ele falou:

Por estar lecionando em escola do Município há menos de um ano, meus cursos de formação são específicos do Programa Projovem Urbano que, eu atuo desde maio de 2010 e quinzenalmente temos formação continuada.

Percebemos, através deste depoimento, que há, na atualidade, certa preocupação por parte das instituições em promover cursos de formação continuada, resta-nos saber se também existe essa preocupação por parte dos professores, pois conforme afirmam os estudiosos Pardal e Martins (2005), a formação continuada deve ser um ato permanente, dinamizador da experiência profissional e da reflexão sobre a mesma, da construção da escola como projeto integrador de saberes e de pessoas e da qualidade de vida do professor como ser humano e como profissional do ensino.

Solicitamos, por meio do questionário aplicado aos professores, que eles definissem o que é formação continuada e o professor A assim a conceituou:

Um momento/encontro destinado ao professor para que este possa refletir acerca da sua prática e também absorver novas formas/habilidades para atuar em sala de aula.

A definição do professor A sobre a formação continuada aponta que esta tem, como principal objetivo a proposição de novas metodologias, fazendo com que o docente reveja suas práticas e ao mesmo tempo tome como base as discussões teóricas atuais, contribuindo, dessa forma, para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da prática pedagógica na escola e, conseqüentemente, da educação.

Também comungamos dessa definição do professor A, pois acreditamos que a formação continuada possa preencher algumas lacunas deixadas pela formação inicial e, por

esse motivo, perguntamos, no questionário, quais as contribuições que os cursos de formação continuada promoveram para a sua área de formação e sua prática pedagógica? A resposta do professor A sobre esta questão foi a seguinte:

Contribuições pertinentes que permitem uma reflexão de como estou atuando e o que pode melhorar ou ser adicionado a minha prática.

Consideramos a resposta do professor A muito pontual, visto que, ele não explicitou quais poderiam ter sido essas contribuições, especificando-as de forma mais detalhada. Por outro lado, ele mencionou que tais contribuições permitiram a reflexão acerca da sua prática pedagógica, o que consideramos bastante relevante, pois demonstra preocupação com a sua atuação em sala de aula.

Na sequência, indagamos quais os conteúdos mais estudados nos cursos de formação continuada que o docente participa. O professor ora analisado destacou:

Trabalhar de forma interdisciplinar; Gestão compartilhada; Juventude e Cidadania; Leitura e escrita; Letramento.

Levando em consideração o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) – Programa do Governo Federal lançado no ano de 2008 pela Presidência da República<sup>2</sup> – no qual o mencionado professor trabalha – que é direcionado para o público fora de faixa etária para estudar no ensino regular – e a instituição que oferece a formação, no caso, o Governo do Estado da Paraíba, podemos observar que são conteúdos relevantes.

Só nos resta saber de que forma esses conteúdos são trabalhados, como por exemplo, a interdisciplinaridade, já que esta é muito complexa, como os professores que participam da formação absorvem esse aprendizado e como eles o transpõem didaticamente, como bem ressalta Silva (2010, p. 14):

Para isso, o professor tem de fazer, necessariamente, todo um planejamento, pesquisando, fazendo recortes, definindo estratégias para o estudo do objeto em pauta com a contribuição dos vários campos de conhecimento, promovendo assim, a interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, escolher a melhor forma de torná-los possíveis de serem apreendidos pelos estudantes na série ou nível em que se encontram, fazendo a transposição didática.

---

<sup>2</sup> Conferir Decreto Nº 6.629, de 4 de Novembro de 2008 disponível em: <<http://www.mds.gov.br/sobreoministerio/legislacao/assistenciasocial/decretos/2008/Decreto%20n%206629%20de%204%20de%20novembro%20de%202008.pdf/view?searchterm=projovem>>. Acesso em: 5 out. 2011.

Conforme citamos anteriormente, infelizmente, nem todo profissional da educação tem conhecimento claro sobre o que seja educação contextualizada e, muitos dos que têm esse conhecimento, entendem de forma, digamos, equivocada e pensam que contextualizar significa trabalhar esporadicamente apenas temas locais.

Podemos aqui, exemplificar a contextualização utilizada geralmente, de forma equivocada, pelas escolas, quando promovem eventos como o desfile de sete de setembro ou nas comemorações alusivas ao aniversário de emancipação política do município, entre outras manifestações e comemorações.

Trabalhar na perspectiva do paradigma da educação contextualizada trata-se da ressignificação dos conteúdos “convencionais” por meio de métodos que possibilitem a relação dos referidos conteúdos com a realidade vivenciada pelos estudantes, em seu cotidiano e também com a realidade global, extrapolando assim os limites do local onde se encontram inseridos. Porém, realizar um trabalho desta natureza em sala de aula ainda se torna difícil, pois requer também do educador um compromisso político e social, extrapolando os limites da imposição curricular estabelecida pelo sistema educacional brasileiro.

Pensando nisso, fizemos o seguinte questionamento: O que você entende por educação contextualizada? O professor A disse que:

É ter a capacidade e a vontade de trazer para o universo de sala de aula, conhecimentos de mundo, mostrar a realidade de cada região, associando aos conteúdos ministrados. Cabe ao educador ter consciência de ampliar seus conhecimentos.

Podemos perceber que o professor tem certo conhecimento acerca do assunto e responde de acordo com a sua concepção. É interessante quando ele diz “[...] é a vontade de trazer para o universo de sala de aula [...]”, porque realmente, além da capacidade, o professor precisa ter vontade para contextualizar suas aulas a partir da vivência dos seus alunos, sobretudo se ambos (alunos e professores) residirem no nosso Semiárido nordestino, onde predomina o preconceito, não só por parte de pessoas que residem em outras regiões do país, como também, pelos próprios habitantes dessa região.

O cerne da questão encontra-se neste trecho da fala do professor A: “[...] mostrar a realidade de cada região, associando aos conteúdos ministrados [...]” Entretanto, como diz Martins (2006, p. 61), “[...] Trata-se de agregar novos saberes a estes temas. Como se

estivéssemos agregando valor a um produto, o valor a ser agregado aos temas locais é o novo saber [...]”.

Conforme já foi citado neste trabalho, sabemos como a formação inicial deixa lacunas no processo formativo do futuro profissional, mas o fazer docente vai se construindo e reconstruindo ao passo que o mesmo vai se qualificando de forma continuada. Sabemos que são inúmeras as dúvidas com as quais, saem os professores recém-formados da universidade, sobretudo, no que diz respeito ao como fazer/realizar sua prática pedagógica e, em detrimento disso, acabam por prejudicar também o percurso formativo de seus alunos.

A última pergunta do nosso questionário foi a seguinte: Quais as contribuições que a formação inicial trouxe para o exercício da sua prática? E o professor A respondeu assim:

Eu considero que minha formação inicial teve início com os estágios supervisionados, realizados na graduação, uma vez que, a partir do momento que tive contato com uma sala de aula, tive certeza que queria ser professor.

Conforme podemos observar, o professor não deixou claro que contribuições a formação inicial trouxe para o exercício da sua prática, mas de alguma forma, os estágios supervisionados foram fundamentais para a compreensão que necessitava para exercer a profissão docente.

### 3.2 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E CONTINUADO DO PROFESSOR B

Segundo dados coletados por meio do questionário, o professor B é Técnico em Agropecuária, leciona entre seis (06) e dez (10) anos e afirma que atua na sua área de formação, fazendo a seguinte justificativa:

Sim porque trabalho na agricultura e leciono Zootecnia, Prática Agrícola e Técnicas Comerciais.

O referido professor respondeu que participa de vinte e um (21) ou mais cursos de formação continuada por ano. No tocante às instituições que promovem esses cursos, ele disse:

UFCG, Dom Helder Câmara, Prefeitura Municipal de Sumé, Escola Agrotécnica de Sumé, Holos, Pacto Novo Cariri, Fórum do Cariri, etc.

Constatamos, a partir desse depoimento, que tanto o professor A como o professor B demonstram preocupação quanto à melhoria da sua prática, uma vez que, estão sempre buscando novos conhecimentos através da participação em cursos de aperfeiçoamento (formação continuada), o que nos faz recordar o pensamento de Freire (1996), quando este diz que devemos pensar-nos como seres inacabados. Concordamos com esse pensamento, pois acreditamos que o conhecimento é infinito e, a cada dia, descobrimos, ou melhor, precisamos descobrir novas formas de pensar e agir.

Ao ser indagado se em algum curso, dos quais ele participou/participa, já tratou sobre educação contextualizada, a questão ficou em branco. E, mais uma vez, insistimos em dizer que, infelizmente, poucos professores conhecem ou sabem o que é educação contextualizada. Podemos depreender, pela resposta do professor, que ele nunca ouviu falar sobre esse assunto.

O professor B informou que trabalha na Escola de Ensino Fundamental Margarida Alves, entre seis (06) e dez (10) anos, ou seja, o mesmo tempo que faz que ele leciona, conforme resposta dada em uma das questões iniciais, o que nos leva a crer que o mesmo trabalha na referida escola, desde que começou o seu trabalho como docente.

O professor supracitado nos informou que participou dos seguintes programas e projetos de formação continuada ofertados pelo Município de Sumé:

Plante e adote uma árvore, Feira agroecológica, Feira de Saúde, Umbu Fest, Semana de Agricultura, outros.

Quando questionado sobre o conceito de formação continuada, o professor B, assim se posicionou:

É a maneira que encontramos de nos reciclar e aprender novas maneiras e assunto para repassar para os aluno e comunidade.

O conceito apresentado pelo professor B se demonstra pertinente, mas quando adota o termo “reciclar” comete um equívoco que dá margem à interpretação do profissional docente enquanto material velho e desgastado que precisa ser recuperado, porém, esse termo foi bastante utilizado no campo da educação para designar os cursos de aperfeiçoamento profissional realizados para a classe docente.

No caso do professor, essa “reciclagem” é um processo muito mais complexo, pois como ressalta Hengemühle (2008, p. 86-87), o professor da Pós-modernidade precisa, dentre outros elementos: “ter formação global e ressignificar os conteúdos para que provoque o desejo de aprender dos alunos.”

Ao ser indagado sobre as contribuições que os cursos de formação continuada trazem ou trouxeram para a melhoria da prática do professor B, destacando aqui, tanto as contribuições para a sua área de formação como para a sua prática pedagógica, ele declarou que:

Todas porque sempre trago novidade não só para os alunos como para a comunidade.

A resposta do professor B corrobora, portanto, com a resposta do professor A, já que, ambos, não especificaram detalhadamente as contribuições dos cursos de formação continuada, e ao declarar que os cursos promoveram “Todas” (as contribuições), se faria necessário apresentá-las de forma mais precisa.

Na justificativa dada pelo professor B “[...] porque sempre trago novidade não só para os alunos como para a comunidade”, percebemos que a palavra contribuição está atrelada à palavra novidade, como se a única contribuição estivesse relacionada com a possibilidade apenas de – trazer novidade – o que é interessante, mas, que novidades seriam essas? Será que essas novidades estão realmente tornando mais significativas a prática pedagógica do docente?

Para estas questões, aqui estabelecidas, não temos respostas, uma vez que nossa intenção era que os professores pudessem descrever suas impressões sobre as contribuições da formação continuada, sem que necessitássemos apontá-las diretamente, propondo para isto, a sistematização de questão fechada.

Segundo o professor, os conteúdos mais estudados nesses cursos de formação continuada são: “Educação ambiental, temas agroecológicos, produção de mudas, etc.”

Quando questionado a respeito da sua concepção sobre educação contextualizada, a resposta também ficou em branco, assim como a resposta da questão seis que tratou sobre a abordagem da educação contextualizada em cursos de formação continuada.

Essa atitude só reforça o que falamos ao longo dessas análises: o pouco ou nenhum conhecimento que a maioria dos professores da região do Semiárido detém sobre educação contextualizada.

E, isso é muito preocupante, porque como é que esse novo paradigma educacional será posto em prática? Como é que os conteúdos convencionais serão ressignificados a partir da vivência dos alunos? Faz-se necessário que sejam implementadas formações na perspectiva da educação contextualizada, como afirma Lima (2007, p. 20):

[...] precisamos construir novas ações formativas que despertem nesses profissionais uma sensibilidade pedagógica capaz de reconhecer as potencialidades do semi-árido e possibilitem a construção de uma educação que seja tecida com os fios da cultura local, construindo uma grande rede de saberes que valorize as pessoas do semi-árido e torne-as protagonistas do seu processo de emancipação.

Com relação às contribuições que a formação inicial trouxe para o exercício da sua prática, o professor B também não informou. Interpretamos esse comportamento fazendo relação com a sua primeira resposta que tratou sobre a sua formação, em nível de graduação e, ele afirmou que a mesma seria “Técnico em Agropecuária.” Talvez porque ele não tenha compreendido a questão ou por não possuir uma formação em nível superior, destacou, portanto, a sua formação em nível médio.

### 3.3 CONHECENDO A REALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO INICIAL E CONTINUADO DO PROFESSOR C

O professor C nos informou, em seu questionário, que é formado em Agronomia, leciona entre seis e dez anos e afirma que trabalha na sua área de formação, justificando: “Trabalho na Escola de Ensino Fundamental Margarida Alves e leciono as disciplinas de Práticas Agrícolas e Zootecnia”.

O professor C disse que faz, por ano, de um a cinco cursos de formação continuada e que esses cursos são promovidos pelas instituições: “Secretaria Municipal da Educação e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)”.

Ele disse que já ouviu falar em educação contextualizada no “II Seminário da Educação Contextualizada.” Esse Seminário foi promovido, pelo segundo ano consecutivo, pela Secretaria Municipal de Educação de Sumé, o que mostra um certo avanço nesse sentido, denotando, inclusive, a preocupação da Secretaria Municipal de Educação em oferecer para os profissionais de educação, deste município, ações formativas na perspectiva da educação contextualizada – para convivência com o semiárido brasileiro. Esse pequeno avanço é resultante do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o

Semiárido Brasileiro, promovido pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em parceria com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA).

O professor acima mencionado expôs que trabalha na referida escola entre onze (11) e quinze (15) anos.

O professor C deixou a questão sobre a implementação de programas e cursos de formação continuada pelo Município de Sumé, em branco. Fato esse que nos provocou estranheza, já que ele respondeu que ouviu falar em educação contextualizada no II Seminário da Educação Contextualizada e, temos conhecimento de que esse seminário foi promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Sumé, pelo segundo ano consecutivo.

Na questão que perguntamos sobre as instituições que promovem os cursos de formação continuada que o professor C fez/faz, ele citou a Secretaria Municipal de Educação e Universidade Estadual da Paraíba.

Quando se tratou de expressar sua concepção sobre formação continuada, o professor C explicitou que esta

É uma atividade que é direcionada aos professores ao longo de sua prática docente, melhorando seus conhecimentos de tal forma que viabilizem a sua aprendizagem no desenvolvimento profissional.

Na fala do professor C, verificamos que a sua concepção sobre formação continuada remete-nos à Silva (2009, p. 2), quando ela diz que

A Formação Continuada deve constituir-se em um espaço de produção de novos conhecimentos, de troca de diferentes saberes, de repensar e de refazer a prática do professor, da construção de competências do educador.

A partir dessa assertiva, podemos compreender a importância da formação continuada para o desempenho de qualquer profissional, sobretudo, para o professor, em sua sala de aula, o qual, estando a par das novas teorias, poderá sempre inovar as suas aulas, tornando-as muito mais atrativas “aos olhos dos alunos” – o que é perceptível no discurso do professor C: “[...] melhorando seus conhecimentos de tal forma que viabilizem a sua aprendizagem no desenvolvimento profissional”.

No que se refere às contribuições que os cursos de formação continuada promoveram para a sua área de formação, bem como, a sua prática pedagógica, o referido professor afirma que:



Na minha área de formação quase nada, porque os cursos não atendem esta área técnica, já para prática pedagógica, tem contribuído de maneira tal que vem mudando a minha forma de ensino.

O professor C enfatiza que “[...] para prática pedagógica, tem contribuído de maneira tal que vem mudando a minha forma de ensino.”, no entanto, como os demais docentes que participaram desta pesquisa, não especificam quais seriam estas contribuições que vêm modificando a sua prática pedagógica.

Nesse sentido, Rodrigues *et al.* (2004) *apud* Campêlo (2010, p. 55), ressalta que:

O redimensionamento das ações docentes deve traduzir-se no uso de linguagens pedagógicas desafiadoras. Linguagens desafiadoras no sentido da aquisição e adoção de posturas pedagógicas flexíveis, de diálogo espontâneo e profícuo com os alunos, de atitudes construtivas e socializadoras de saberes, enfim, linguagens que atendam às exigências do cotidiano da sala de aula, da escola e da sociedade, cada dia mais complexas e em contínuo processo de transformação.

Com base nessa afirmação, podemos exemplificar de que forma as ações formativas podem contribuir para aperfeiçoar a prática do docente, em sala de aula, uma vez que, o estudante de hoje conta com uma gama de informações a seu dispor, em qualquer hora e em qualquer lugar. Por isso, o professor deve estar preparado e disposto para conquistar a atenção dos alunos.

No tocante à questão relativa aos conteúdos estudados nos cursos de formação continuada, este professor não respondeu. Talvez ele não tenha compreendido a questão.

Quanto a sua compreensão a respeito da educação contextualizada, ele se posicionou da seguinte forma:

Aplicação de conteúdos aos educandos de maneira que trabalhe elementos do contexto em que ele e suas famílias vivem. É trabalhar os conteúdos de acordo com a realidade dos estudantes.

Conforme podemos observar, o professor C demonstra que compreende o que é educação contextualizada, porém, não se pode afirmar nem, portanto, julgar que ele a põe em prática e como a coloca em prática, mas, se percebe sua preocupação em relacionar os conteúdos curriculares com as vivências de seus alunos. De acordo com Martins (2006, p. 44),

Contexto é o conjunto de elementos ou de entidades, sejam elas coisas ou eventos, que condicionam, de um modo qualquer, o significado de um enunciado, ou seja, que permite a um sujeito dotado de consciência, construir um entendimento, um sentido sobre uma coisa ou evento, com os quais entra em contato. O contexto é, portanto, uma forma de habitat; é um meio e define uma ecologia. Evidentemente, em se tratando de mundo humano, este meio, este habitat e a ecologia aí implicada, dizem respeito à cultura, à linguagem, às formas de comunicação humanas e ao regime de signos que rege esta comunicação, e não apenas às coisas físicas e palpáveis.

Portanto, a noção de contexto é muito ampla e complexa. Por isso, faz-se necessário que a compreendamos com afinco, para, a partir daí, atribuir novos sentidos a “um enunciado, uma coisa ou um evento.” No caso da educação, seria atribuir novos sentidos aos conteúdos que compõem a Base Nacional Comum, de acordo com o contexto em que vivem o aluno e seus familiares, como enfatiza o professor C.

De acordo com a resposta do professor C, as contribuições trazidas pela formação inicial para o exercício da sua prática foram:

Uma melhor didática, melhor planejamento das aulas, estímulo a pesquisa, prática de ensino.

Ao contrário dos professores A e B, o professor C respondeu esta questão, com precisão, indicando as contribuições da formação inicial para a sua prática pedagógica. É interessante as contribuições proporcionadas pela formação inicial, pontuadas pelo professor acima mencionado, já que, “Sabemos que a qualificação oportunizada aos professores e professoras nos cursos de formação (médio e superior) não dá conta de todas as exigências e atribuições destes profissionais” (NÉRI *et al*, 2006, p. 97-98).

No entanto, percebemos uma contradição nas respostas dadas pelo professor C nesta última questão e na questão que trata das contribuições da formação continuada, pois ele declarou o seguinte: “Na minha área de formação quase nada, porque os cursos não atendem esta área técnica. [...]” Quando ele se refere a “esta área técnica”, está falando da sua formação inicial que é “Agronomia”, conforme ele respondeu na primeira questão.

Na nossa concepção, talvez tenha ocorrido um equívoco no entendimento da última questão, visto que, as contribuições citadas pelo professor C, são inerentes a um curso de formação superior específico para professores.

#### 4 (IN)CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve como objetivo identificar e analisar a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a implementação da educação contextualizada, pois a nossa preocupação era voltada para aqueles professores que não puderam ou por algum outro motivo não quiseram fazer o curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, promovido pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA/UFCG) em parceria com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), já que, para nós, o referido curso apresentava uma proposta inovadora capaz de nos possibilitar a reflexão e mudança de nossa prática docente.

A nossa inquietação maior era saber que, nós, que tivemos a oportunidade de participar dessa formação, constituíamos um número pequeno de professores que tinha o desejo de mudar a nossa prática de ensino e mostrar para os nossos alunos aquilo que nós acabávamos de descobrir – o potencial do nosso Semiárido.

Diante dessa situação, refletíamos assim: Como é que nós poderemos mudar a nossa prática, se os outros professores não detêm esse conhecimento que estamos adquirindo? Porque nós só passamos a ter conhecimento sobre esse novo paradigma de educação a partir da seleção que realizamos no ano de 2010 para ingresso no Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro.

Através da análise dos dados obtidos, constatamos a nossa hipótese de que a maioria dos professores nunca ouviu falar em educação contextualizada e os que ouviram falar, pouco sabem expressar sobre o assunto, uma vez que, responderam de forma confusa acerca do seu entendimento sobre a temática, conforme pudemos observar nas respostas dos professores participantes da pesquisa.

A partir desta realidade apresentada, apenas o professor C demonstrou uma definição mais apropriada para educação contextualizada, porém, não temos elementos que comprovem que ele esteja, efetivamente, trabalhando nessa perspectiva da educação contextualizada para convivência com o semiárido e como é que se dá esse trabalho.

Consideramos que para que a prática de ensino dos professores seja pautada na perspectiva da educação contextualizada para a convivência com o semiárido, deve-lhes ser assegurados programas de formação continuada, nesse sentido, que garantam o aperfeiçoamento de seus conhecimentos. Entretanto, sabemos que isso não é suficiente,

porque o professor também precisa ter o desejo de continuar estudando, sentir-se inacabado como afirma Freire (1996) e, dessa forma, buscar seu aprimoramento profissional.

Nas respostas dadas pelos professores, através dos questionários, sobre o que seria formação continuada, todos os professores demonstraram compreender o que seria formação continuada, bem como a sua importância para o desenvolvimento profissional deles, já que, eles afirmaram fazer vários cursos de formação continuada, por ano.

No entanto, apenas dois professores (A e C) declararam ter escutado falar em educação contextualizada e, um deles – o professor C – diz que foi no II Seminário sobre Educação Contextualizada. Embora ele não tenha mencionado que instituição promoveu esta formação, temos conhecimento, inclusive, por termos participado do I Seminário sobre Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, no ano passado (2010), que esses Seminários foram promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Sumé, o que sinaliza certo avanço, neste Município, com relação à educação contextualizada.

Sabemos também que tal conquista é consequência do Curso de Especialização supracitado, que foi implantado, no Município, no ano de 2010, pela Universidade Federal de Campina Grande, em parceria com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), pois grande parte dos coordenadores pedagógicos que compõem a equipe da Secretaria Municipal de Educação participou do referido curso.

Outra grande conquista neste percurso formativo vivenciado através do curso de Especialização foi o I Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, que aconteceu na cidade de Campina Grande – PB, de 31 de maio a 02 de junho de 2010, fomentado pelo INSA em parceria com várias outras instituições, onde, nós, alunos do Curso de Especialização, tivemos a oportunidade de bebermos na fonte de vários estudiosos dessa nova vertente da educação.

Com relação à participação desses professores em programas e projetos de formação continuada implementados pelo Município de Sumé, apenas o professor B mencionou algumas formações, pois o professor A, pela sua resposta, entendemos que ele ainda não teve oportunidade de participar, devido ao pouco tempo que leciona em escola do Município e o professor C não respondeu essa questão, embora, ele tenha afirmado que ouviu falar em educação contextualizada em um Seminário, pelo qual sabemos que foi promovido pela Secretaria de Educação do município de Sumé/PB.

Quanto às contribuições dos cursos de formação continuada para a área de formação e a prática pedagógica dos docentes participantes desse estudo, as respostas não foram claras,

uma vez que, não especificaram quais seriam essas contribuições, porém, eles reconhecem, de certa forma, que modificaram o exercício da sua prática.

Dentre os conteúdos mais estudados nos cursos de formação continuada, dos dois professores que responderam esse questionamento, apenas um destaca a questão da interdisciplinaridade que é um dos elementos essenciais para a efetivação da prática pautada na educação contextualizada.

Já no tocante às contribuições da formação inicial para o exercício da prática educativa, percebemos, pelas respostas dos docentes, que esta, realmente não é suficiente, pois sempre deixa algumas lacunas e, essas lacunas precisam ser preenchidas ao longo da vida profissional dos professores, que pode ser, tanto pela experiência, como e, principalmente, por meio da continuidade da sua formação.

Diante do exposto, em nosso estudo, fica nítido, através da participação dos professores que se dispuseram a colaborar com a nossa pesquisa, mesmo se constituindo numa pequena amostra, que estes sentem dificuldades ao tentarem estabelecer relação entre formação continuada e educação contextualizada, isto porque talvez tenham pouco conhecimento acerca da contextualização.

Constatamos que há avanço, no entanto, é preciso que sejam implementados Programas de Formação Continuada que possam:

articular os conteúdos à realidade de vida dos alunos e alunas, possibilitando aos professores e professoras terem acesso a um conjunto de conhecimentos sobre as condições ambientais, sociais, históricas, culturais e políticas, para compreenderem o contexto e as relações em que está inserida a sua prática educativa (NÉRI *et al.*, 2006, p. 108).

Acreditamos que só assim, seja possível sensibilizar e instigar os professores a mudarem sua prática pedagógica, tornando-a mais atrativa, capaz de formar verdadeiros cidadãos, críticos e reflexivos, aptos a intervirem no meio em que vivem.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em projetos educacionais**. Publicação do Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais – Educativa, 1998. p. 1-6. Disponível em: <[http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B363E5BFD-17F5-433A-91A0-2F91727168E3%7D\\_instrumentos%20de%20coleta.pdf](http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B363E5BFD-17F5-433A-91A0-2F91727168E3%7D_instrumentos%20de%20coleta.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAMPÊLO, Maria da Conceição Miranda. Cenário da formação docente no Brasil: de Jomtien (1990) à Lei de diretrizes e bases da educação nacional 9.394/96. In: CAMPÊLO, Maria da Conceição Miranda *et al.* (Orgs.). **Sinais e sentidos em educação**: políticas educacionais e psicologia da educação. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. v. 2. p. 53-71.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- HENGEMÜLE, Adelar. O professor e sua formação ao longo da história. In: \_\_\_\_\_. **Formação de professores**: da função de ensinar ao resgate da educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-83.
- \_\_\_\_\_. Concepções e formação de professores à luz da pós-modernidade. In: \_\_\_\_\_. **Formação de professores**: da função de ensinar ao resgate da educação. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 83-87.
- LIMA, Elmo. A formação de professores no semi-árido: valorizando experiências e reconstruindo valores. **Caderno Multidisciplinar**: educação e contexto do semi-árido brasileiro: tecendo saberes em educação, cultura e formação, Juazeiro-BA: Selo Editorial RESAB, v. 3, ano 2, n. 3, p. 15-31, 2007.
- MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do Conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: RESAB, Rede de Educação do Semi-árido Brasileiro (Org.). **Educação para convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. 2. ed. Juazeiro-BA: Selo Editorial RESAB, 2006. p. 37-66.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- NÉRI, Ângelo Custódio *et al.* Reflexões sobre a formação continuada de professores na perspectiva da educação para a convivência com o semi-árido. In: RESAB, Rede de Educação

do Semi-árido Brasileiro (Org.). **Educação para convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. 2. ed. Juazeiro-BA: Selo Editorial RESAB, 2006. p. 97-112.

PARDAL, Luís António; MARTINS, António Maria. Formação contínua de professores: concepções, processos e dinâmica profissional. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 103-117, jan./jun. 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia e formação de professores no Brasil**: vicissitudes dos dois últimos séculos. São Paulo: UNICAMP, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **O discurso dos professores sobre a formação continuada**. Blumenau-SC: FURB, 2009.

SILVA, Adelaide Pereira. **O Conceito de educação contextualizada na perspectiva do pensamento complexo**: um começo de conversa. Texto apresentado como apoio ao Curso de Especialização Em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro ofertado pelo CDSA — Campus de Sumé (UFCG) nos dias 4 e 5 de junho. 2010.

SOUSA FILHO, José Milton; ABREU, Mônica Cavalcanti Sá de; WANDERLEY, Lilian Soares Outtes. **Governança da responsabilidade social e vantagem competitiva: o caso Petrobrás/Lubnor**. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/429.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

# APÊNDICES



## APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA  
PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

**Pesquisadora:** Renata Cristine Santos Ribeiro Macêdo

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Conceição Miranda

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou cursando a Especialização em Educação Contextualizada em nível de pós-graduação *lato sensu*, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande. Nesta fase de meus estudos estou defendendo o projeto de monografia intitulado “**A PERCEPÇÃO DO PROFESSORADO DO SEMIÁRIDO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA**”, sendo que o objetivo do estudo é identificar e analisar a percepção do professorado do Semiárido sobre a contribuição da formação continuada para a educação contextualizada.

Eu, \_\_\_\_\_ portador do RG \_\_\_\_\_, declaro que fui informado sobre os objetivos do estudo e que, consciente da importância deste, estou disposto a participar do mesmo, de livre e espontânea vontade, sabendo inclusive que posso, a qualquer momento, desistir de participar se assim desejar. Concordo com a realização da coleta dos dados com base no questionário em anexo. Disponho-me a fornecer todas as informações que forem necessárias, permitindo que os dados obtidos sejam utilizados para os fins que se prestem neste estudo.

Sumé/PB, \_\_\_\_ de maio de 2011.

**APÊNDICE B - Questionário**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO SEMIÁRIDO – CDSA  
CAMPUS DE SUMÉ  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA  
PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

**QUESTIONÁRIO**

1. Qual é o seu curso de graduação?

---

2. Há quanto tempo você leciona?

- a) ( ) 0 – 5 anos
- b) ( ) 6 – 10 anos
- c) ( ) 11 – 15 anos
- d) ( ) 16 – 20 anos
- e) ( ) 21 anos ou mais

3. Você atua na sua área de formação?

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não

Justifique sua resposta

---

---

---

4. Quantos cursos de formação continuada você faz por ano?

- a) ( ) 1 – 5 Cursos
- b) ( ) 6 – 10 Cursos
- c) ( ) 11 – 15 Cursos
- d) ( ) 16 – 20 Cursos
- e) ( ) 21 ou mais Cursos

5. Quais são as instituições que promovem esses cursos?

---

---

---

---

6. Em algum curso já ouviu falar em educação contextualizada? Em qual (is)?

---

---

---

---

---

7. Há quantos anos você trabalha nessa escola?

- a)  1 – 5 anos
- b)  6 – 10 anos
- c)  11 – 15 anos
- d)  16 – 20 anos
- e)  21 ou mais anos

8. Quais os programas e projetos de formação continuada implementados pelo Município de Sumé e quais você participou?

---

---

---

---

---

---

---

9. Na sua opinião, o que é formação continuada?

---

---

---

---

---

10. Quais as contribuições que os cursos de formação continuada promoveram para a sua área de formação e sua prática pedagógica?

---

---

---

---

---

11. Quais são os conteúdos mais estudados nos cursos de formação continuada que você participa?

---

---

---

---

---

12. O que você entende por educação contextualizada?

---

---

---

---

---

13. Quais as contribuições que a formação inicial trouxe para o exercício da sua prática?

---

---

---

---

---